

SONDAGEM

ICS / ISCTE

Fevereiro 2020

Parte 2



ÍNDICE

1. Ficha técnica	2
2. Assuntos mais importantes.....	3
3. Avaliação da qualidade dos serviços públicos de Saúde.....	5
4. Preferência em caso de urgência.....	9
5. Confiança em instituições e agentes	11
6. Barreiras económicas no acesso à saúde	17
7. Razões para contratar seguros privados (entre os que a eles recorrem)	20
8. Grandes opções para lidar com listas de espera	21

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 22 de janeiro e 5 de fevereiro de 2020. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

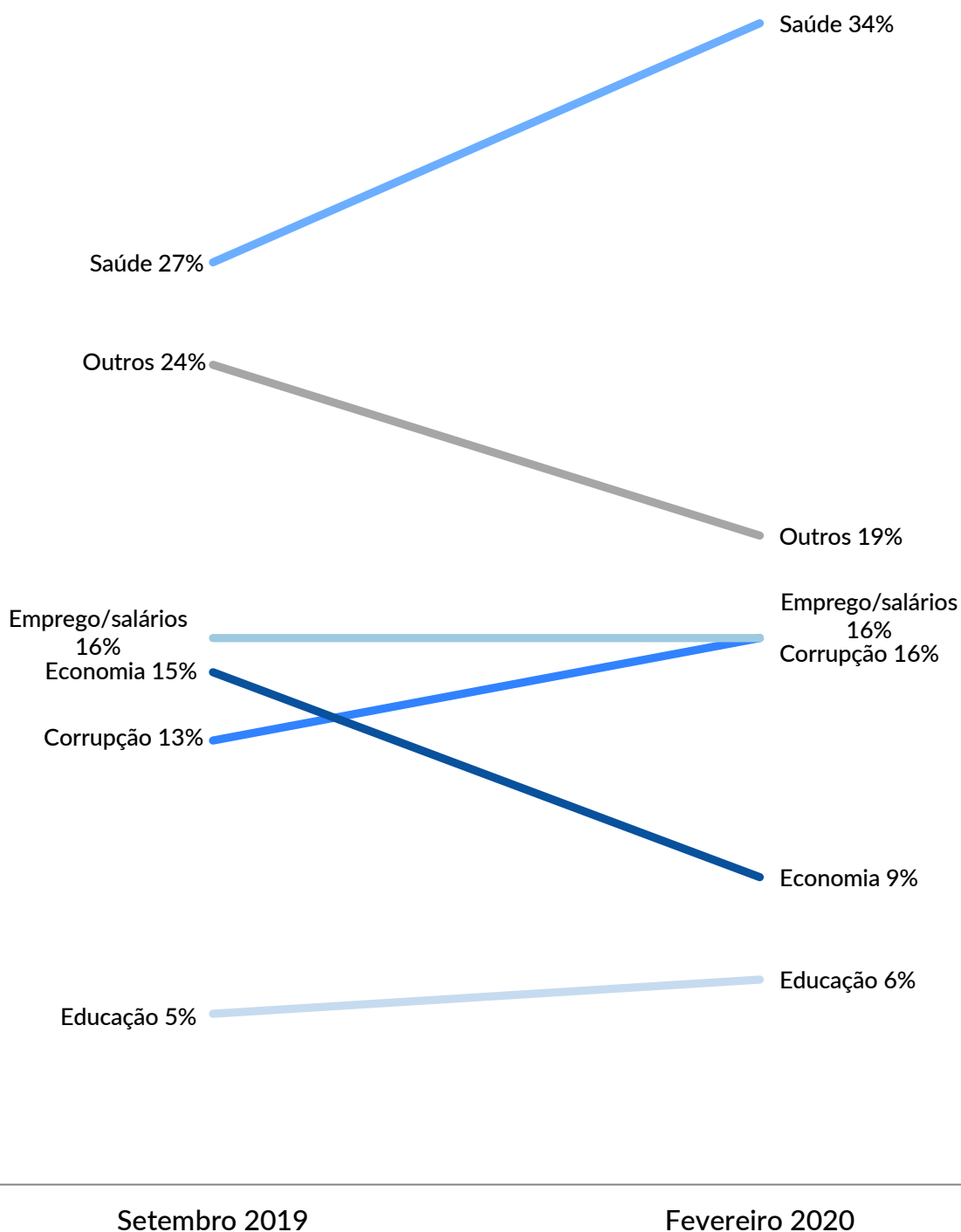
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto recolhida recorrendo a simulação de voto em urna. Foram selecionados 80 pontos de amostragem, contactados 2535 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 800 entrevistas válidas (taxa de resposta de 32%). O trabalho de campo foi realizado por 43 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses residentes no Continente com 18 ou mais anos, a partir dos dados da vaga mais recente do Inquérito Social Europeu. A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 800 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo, por isso, a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

2. Assuntos mais importantes

"Pensando na sociedade portuguesa, qual é o assunto que considera, hoje em dia, mais importante para o país?"

% em relação ao total da amostra; resposta espontânea; considera-se o 1º problema mencionado



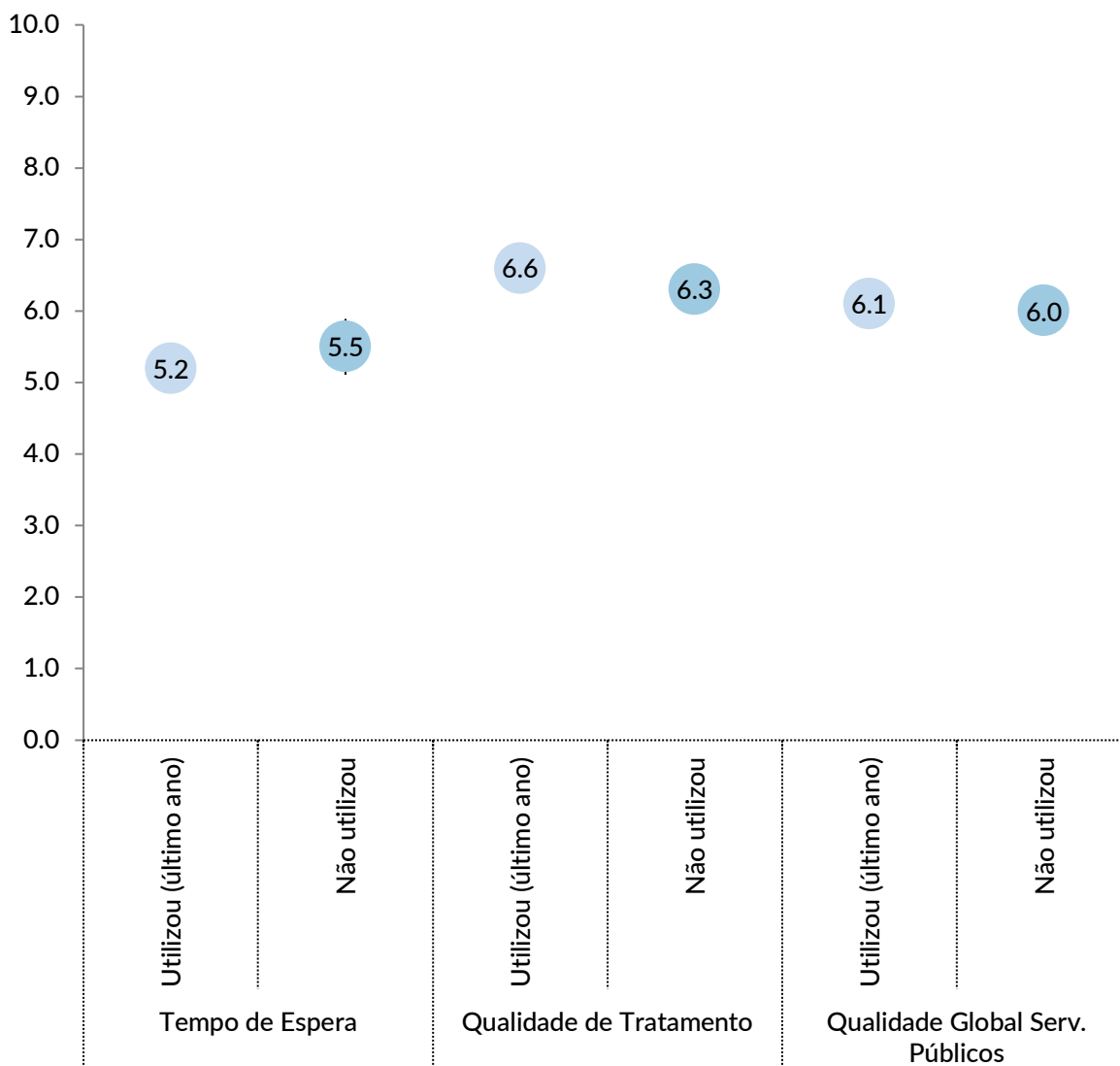
Tal como já havia sucedido em estudos anteriores, os inquiridos têm sistematicamente identificado a “saúde” como tema mais importante para o país. 34% dos respondentes identificam a “saúde” como área prioritária, um valor dezoito pontos superior ao “emprego e

salários” e à “corrupção” – temas que se seguem na hierarquia de prioridades. Facto particularmente relevante é que a “saúde” ganhou preponderância desde o último inquérito, tendo crescido sete pontos – à custa da “economia”, que caiu seis pontos, e dos “outros”, que caíram cinco pontos.

3. Avaliação da qualidade dos serviços públicos de Saúde

Avaliação da qualidade de serviços públicos de Saúde em Portugal, de 0 ("muito má") a 10 ("muito boa")

Avaliação média de cada grupo (utentes recentes vs. não utentes)

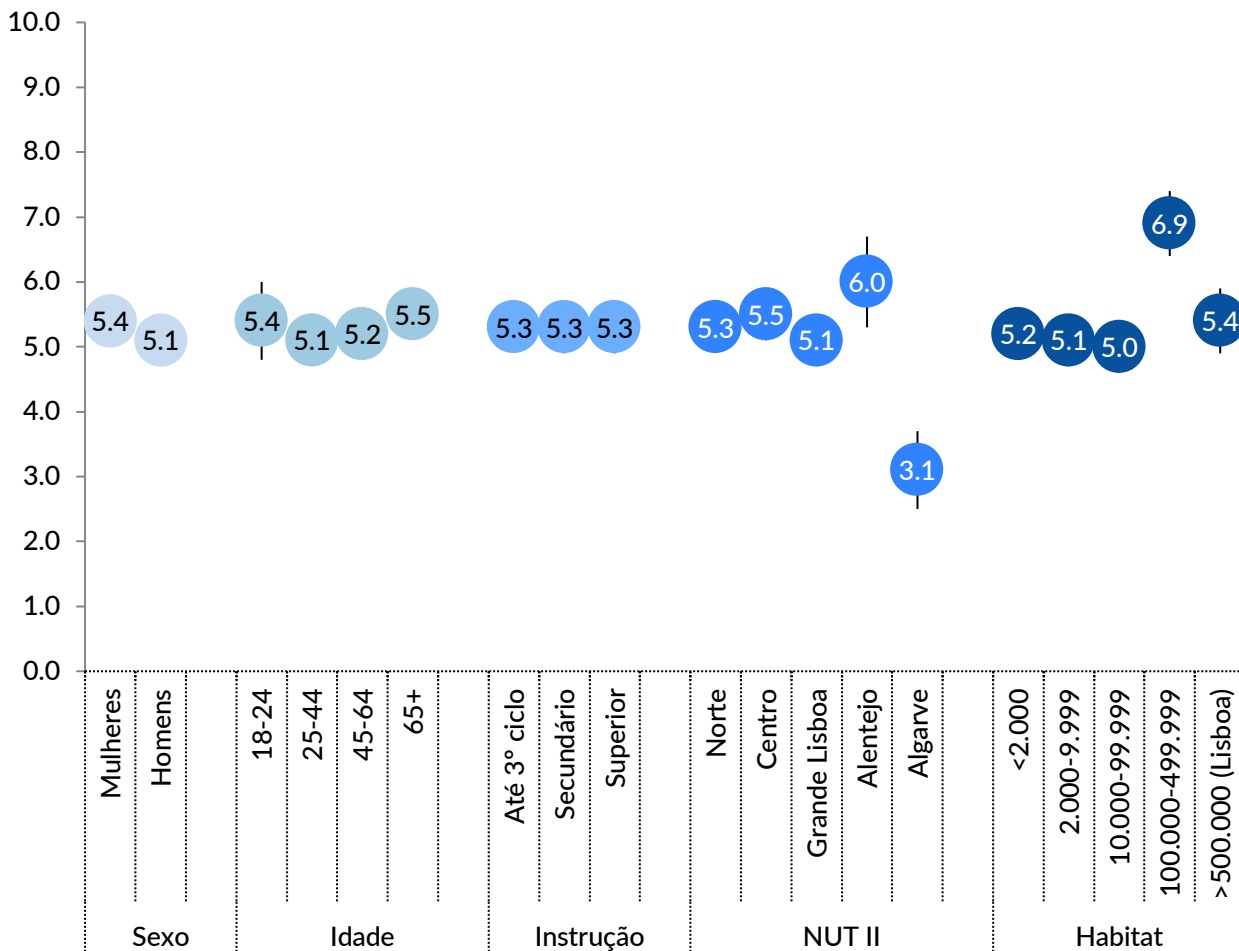


Recolha: 22 Jan - 5 Feb 2020

Quando convidados a avaliar a qualidade dos serviços públicos de saúde em Portugal, os inquiridos colocam-se em relação a várias dimensões sempre próximos do ponto intermédio da escala, fazendo, contudo, uma avaliação marginalmente positiva. Acresce que a diferença de opinião entre os inquiridos que dizem ter utilizado recentemente os serviços de saúde e aqueles que não o fizeram nos últimos tempos não é significativa. A “qualidade do tratamento” tem uma avaliação mais positiva do que a “qualidade global dos serviços”, sendo o “tempo de espera” o aspeto pior avaliado.

Tempo de espera para as marcações de consultas, exames, ou tratamentos

Avaliação média de cada grupo

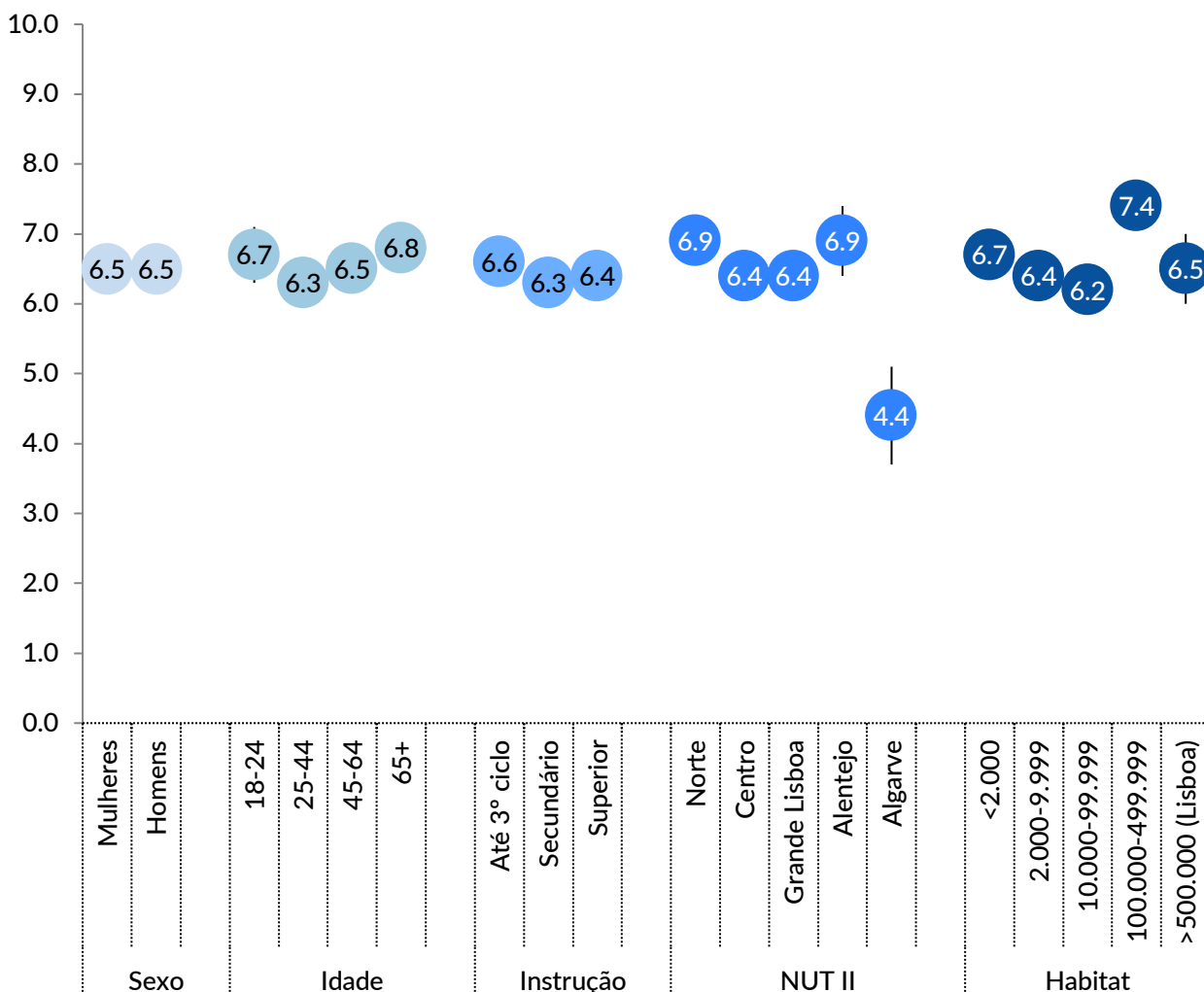


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

Em relação especificamente ao “tempo de espera”, as diferenças entre as categorias sexo, idade e instrução são pouco expressivas. No entanto, os valores para o Algarve são particularmente negativos (3,1) e cerca de metade dos do Alentejo (região com o valor mais elevado – 6). É de notar ainda que nas grandes cidades (com mais de 100 mil habitantes), com exceção de Lisboa, a avaliação é também mais positiva (6,9 e 5,4 respetivamente) do que no resto do país.

Tratamento clínico prestado aos utentes

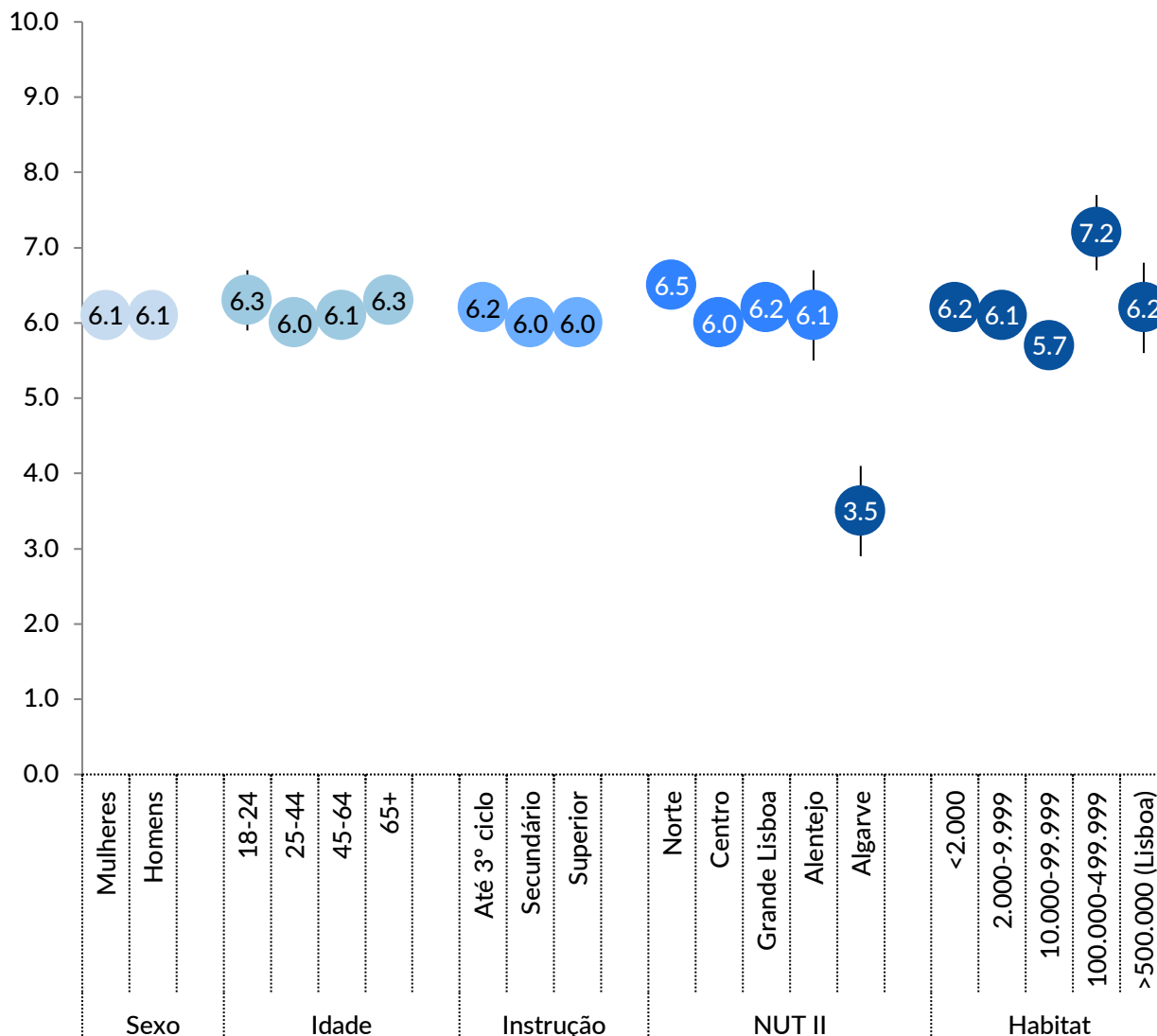
Avaliação média de cada grupo



Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

No que respeita à avaliação da qualidade do “tratamento clínico prestado aos utentes” nos serviços públicos de saúde, de novo não há variações relevantes no que toca ao sexo, instrução ou mesmo idade. Já quanto a regiões, uma vez mais os algarvios fazem uma avaliação bem mais negativa (4,4) do que os inquiridos do resto do país. Também a avaliação nas grandes zonas urbanas (com exceção de Lisboa) se destaca por ser mais positiva (7,4).

Qualidade global dos serviços públicos de saúde em Portugal Avaliação média de cada grupo



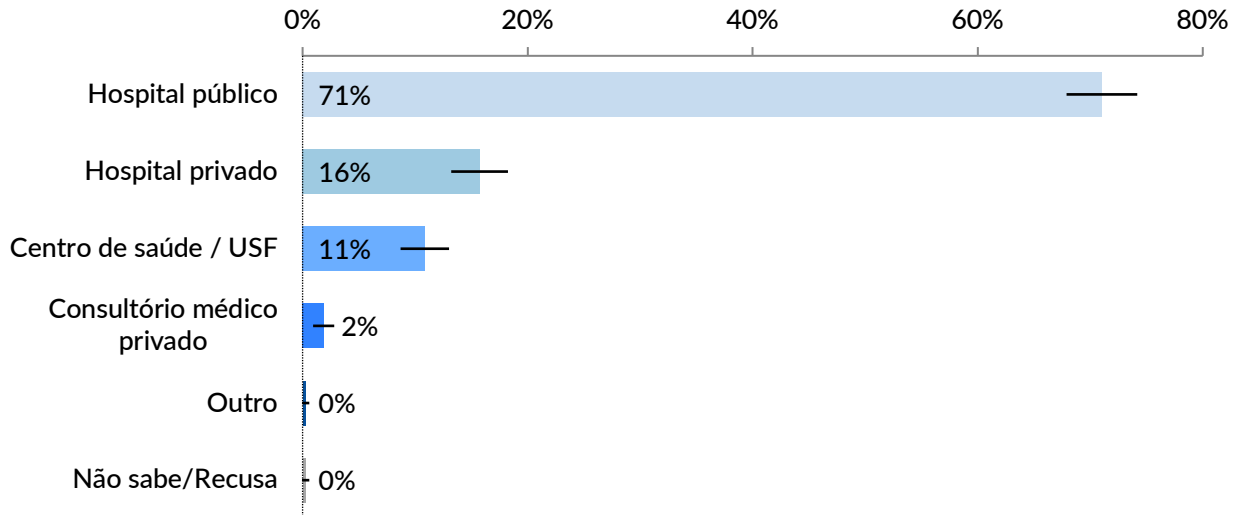
Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

Quando chamados a pronunciarem-se sobre a “qualidade global” dos serviços públicos de saúde, os inquiridos de novo fazem uma avaliação positiva (6,1), se bem que apenas 1,1 acima do ponto central da escala. Também neste caso, a situação no Algarve destaca-se pela negativa e nas cidades com mais de 100 mil habitantes a avaliação está 1,1 pontos acima da média.

4. Preferência em caso de urgência

"Independentemente da sua utilização, se tivesse que recorrer a uma urgência médica, que serviço preferiria?"

% em relação ao total da amostra

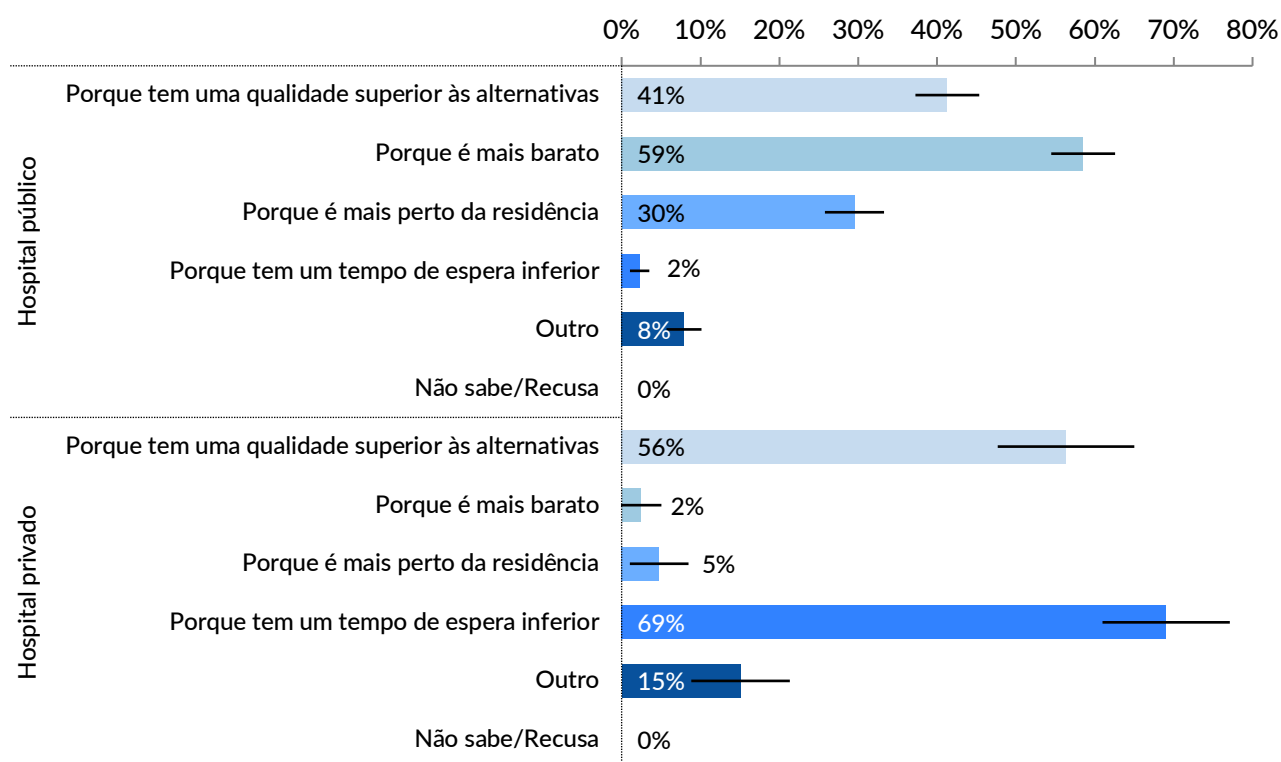


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

A maioria dos inquiridos revela que, confrontados com a necessidade, preferiria recorrer a uma urgência médica num hospital público (71%), um valor que é mais de quatro vezes superior ao dos que declaram que prefeririam recorrer a um hospital privado (16%) e mais de seis vezes superior aos que optariam por um centro de saúde e/ou unidade de saúde familiar.

"Por que razão preferiria esse serviço?"

% entre quem prefere Hospital Público ou Privado



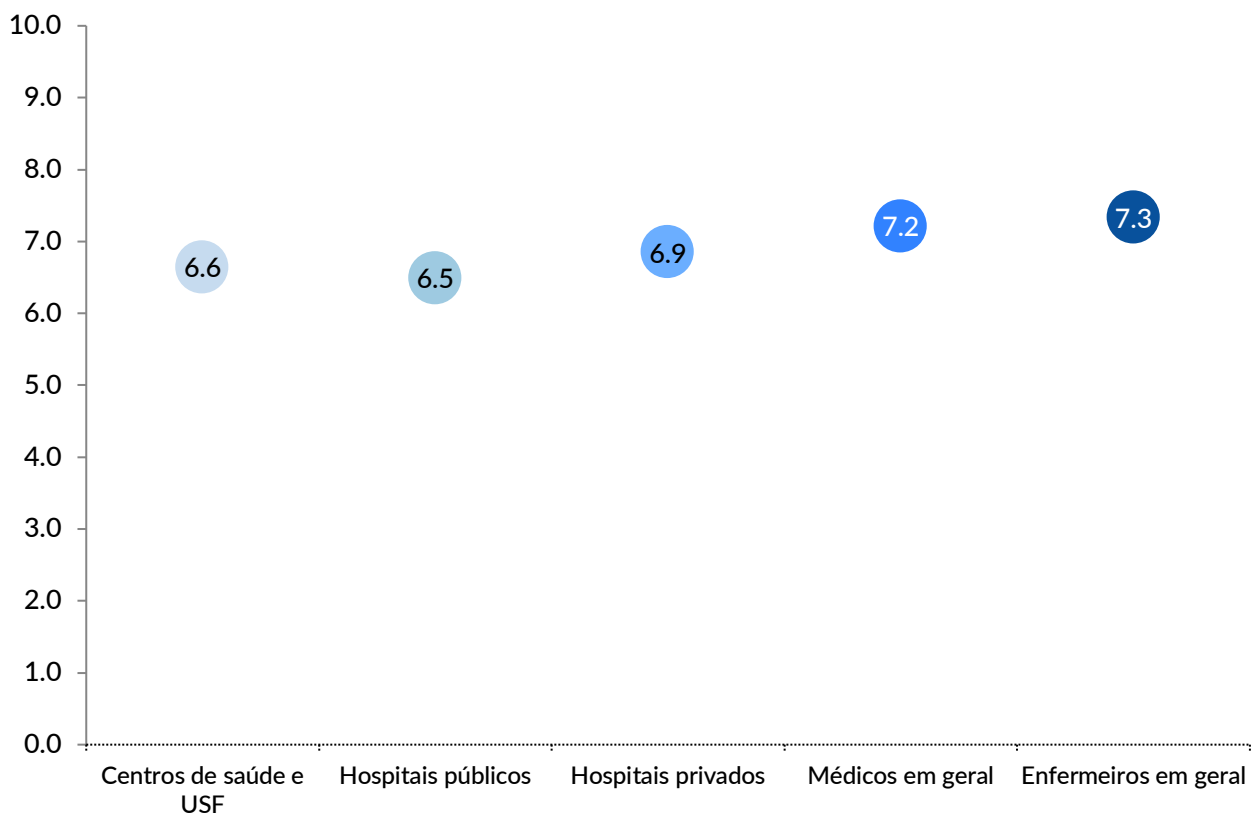
Recolha: 22 Jan- 5 Fev 2020 - soma das %s superior a 100% porque pergunta é de resposta múltipla

Quando se procura compreender os motivos da escolha dos inquiridos entre hospital público e privado em caso de urgência, as diferenças são importantes. No caso dos que responderam preferir um hospital público, a principal razão é de natureza económica – “porque é mais barato” (59%) –, seguida da qualidade do serviço prestado (41%). Já no caso dos que responderam preferir um hospital privado, o principal motivo invocado é o “tempo de espera ser inferior” (69%) e só depois a “qualidade da resposta” (56%). Cada inquirido podia seleccionar mais do que uma razão, o que explica o facto de a soma das percentagens ser superior a 100%.

5. Confiança em instituições e agentes

"Situe a sua posição nesta escala em que 0 significa que não tem nenhuma confiança e uma pontuação de 10 quer dizer que tem toda a confiança nos..."

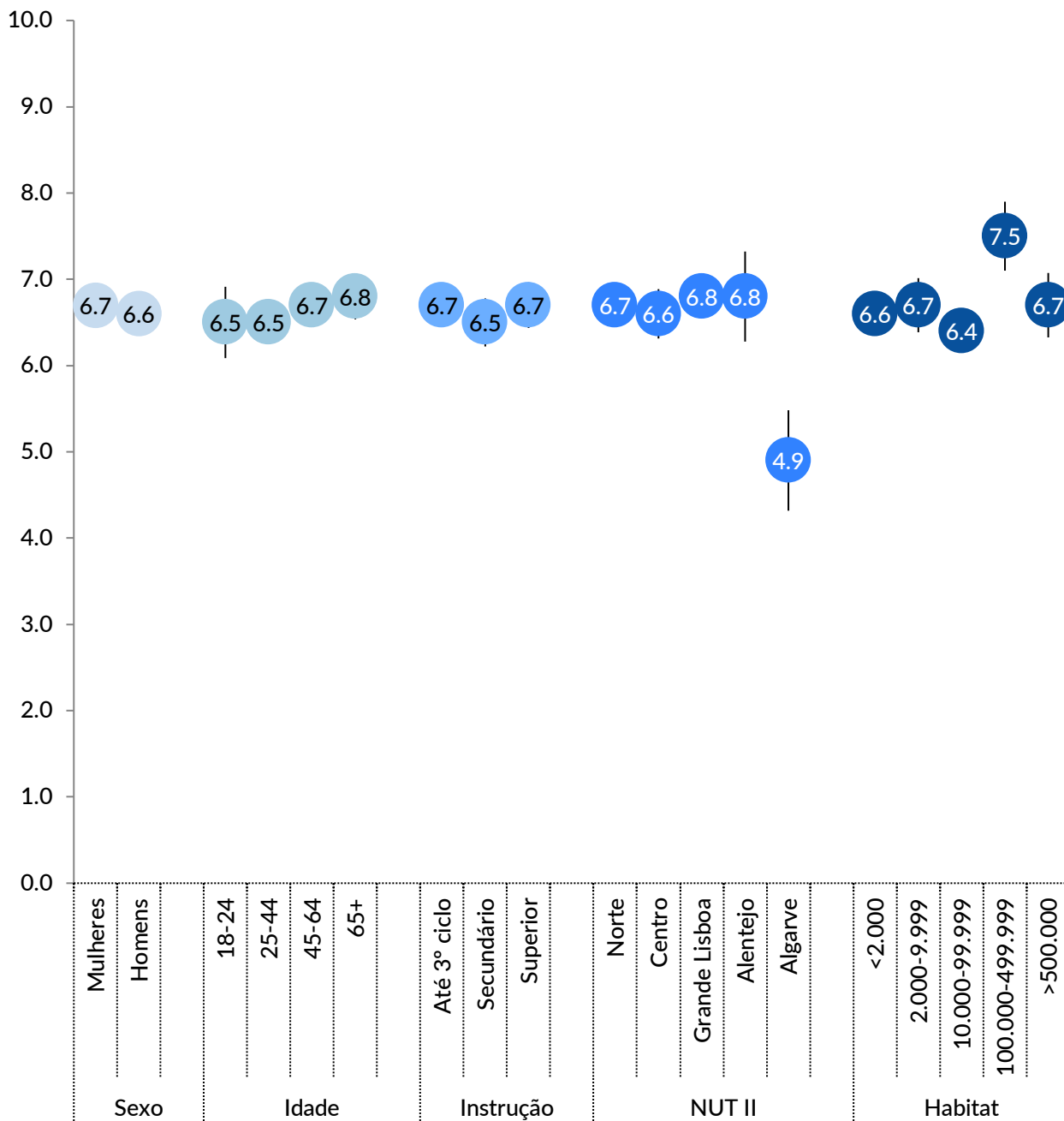
Avaliação média da totalidade da amostra



Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

Os inquiridos fazem uma avaliação globalmente positiva quer das principais instituições do sistema de saúde, quer dos seus profissionais. Sublinhe-se que a avaliação que é feita dos profissionais é ligeiramente superior à que é feita em relação às instituições.

Confiança nos centros de saúde e nas unidades de saúde familiar Avaliação média por grupo

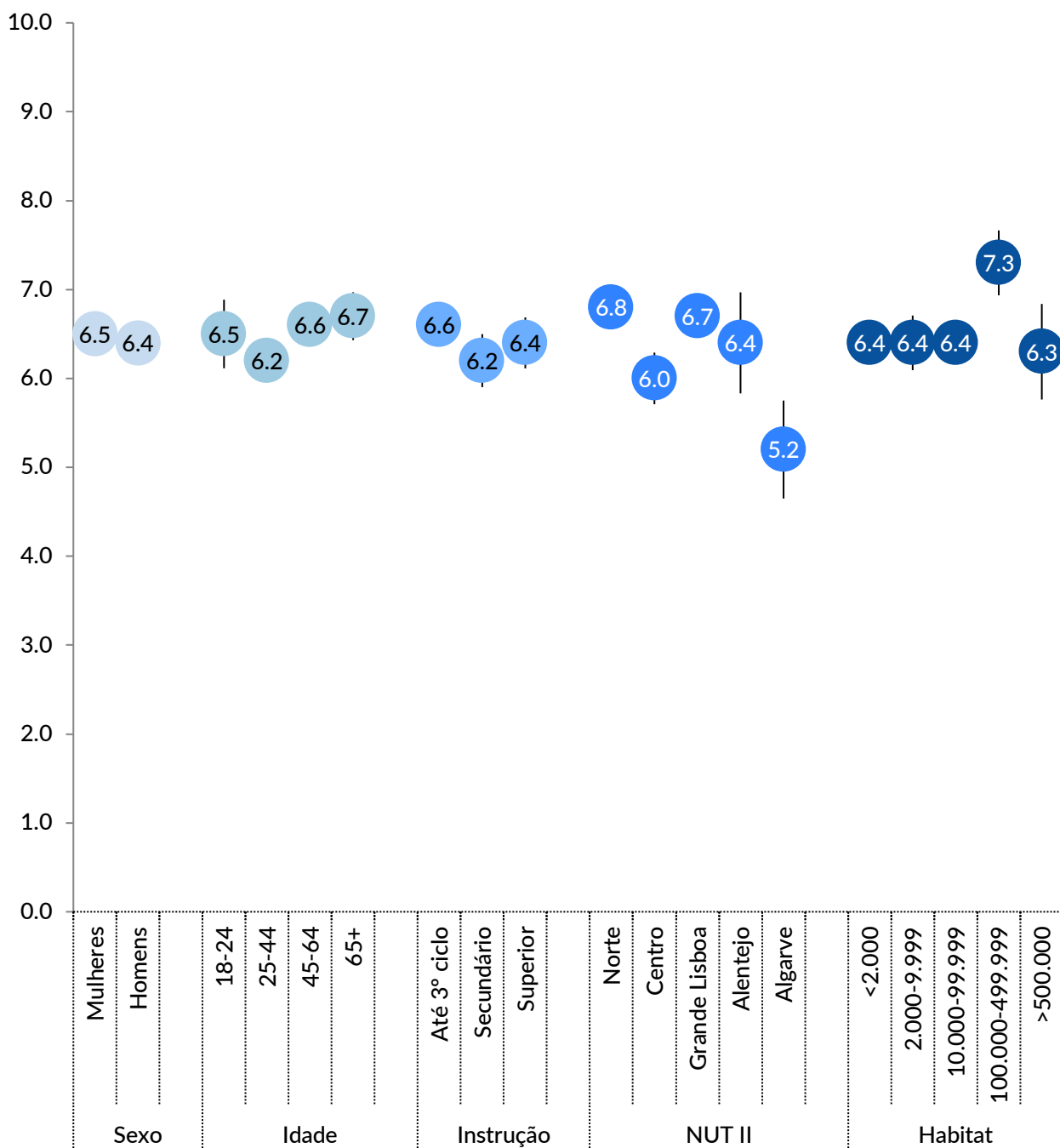


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

Tal como acontece noutras matérias, há pouca variação entre diferentes grupos na forma como são avaliados os centros de saúde e/ou unidades de saúde familiares, com exceção dos algarvios que fazem uma avaliação ligeiramente inferior ao valor médio (4,9) e bastante inferior à média das restantes regiões. Uma vez mais, é nas grandes cidades (exceto Lisboa) que a avaliação é mais positiva.

Confiança nos hospitais públicos

Avaliação média por grupo

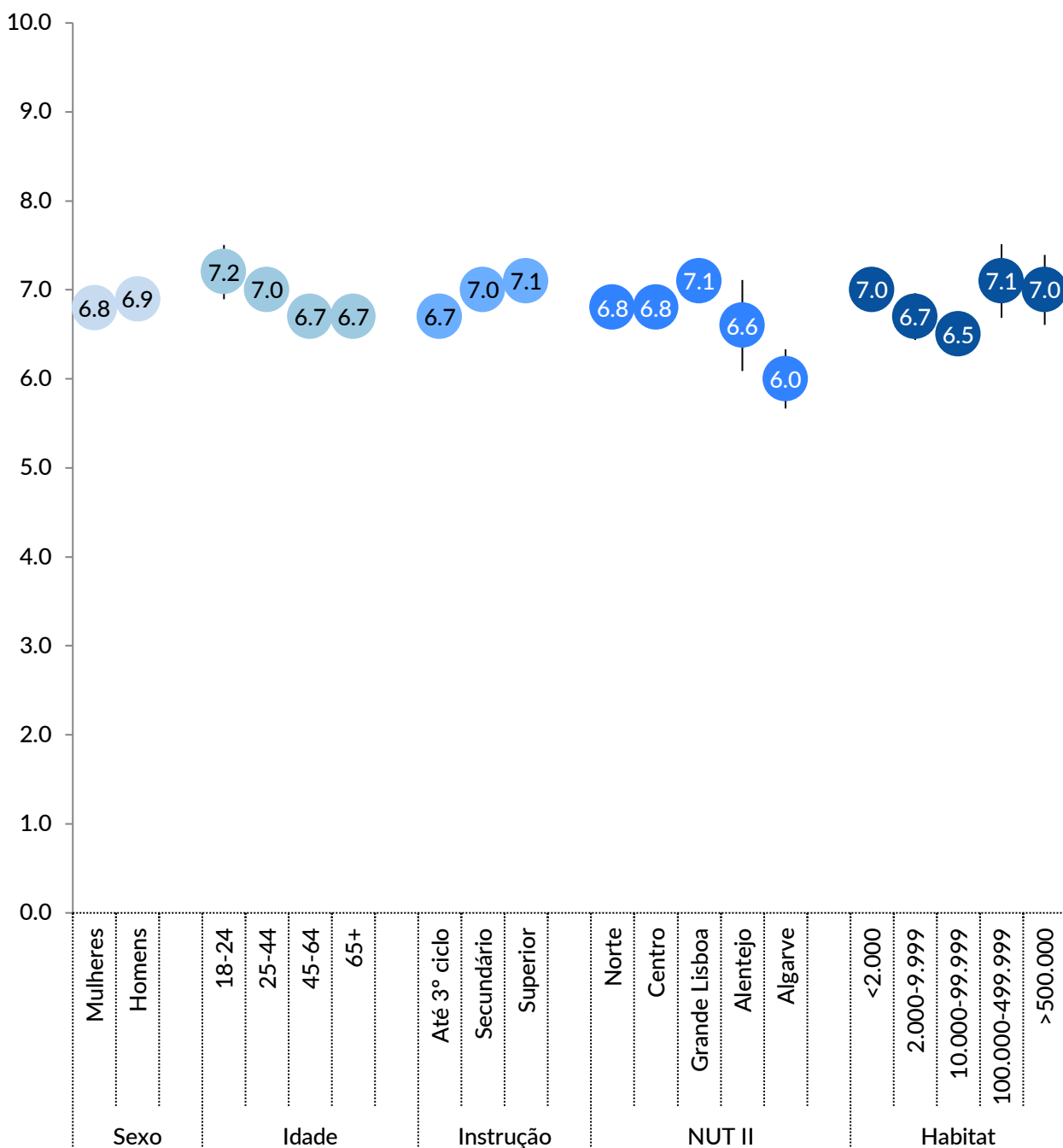


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

A avaliação da confiança nos hospitais públicos está em linha com o que acontece com as outras instituições: valores positivos (6,5), com o Algarve a apresentar um valor 1,3 pontos inferior (5,2) e com os residentes nas grandes cidades a avaliarem melhor (7,3).

Confiança nos hospitais privados

Avaliação média por grupo

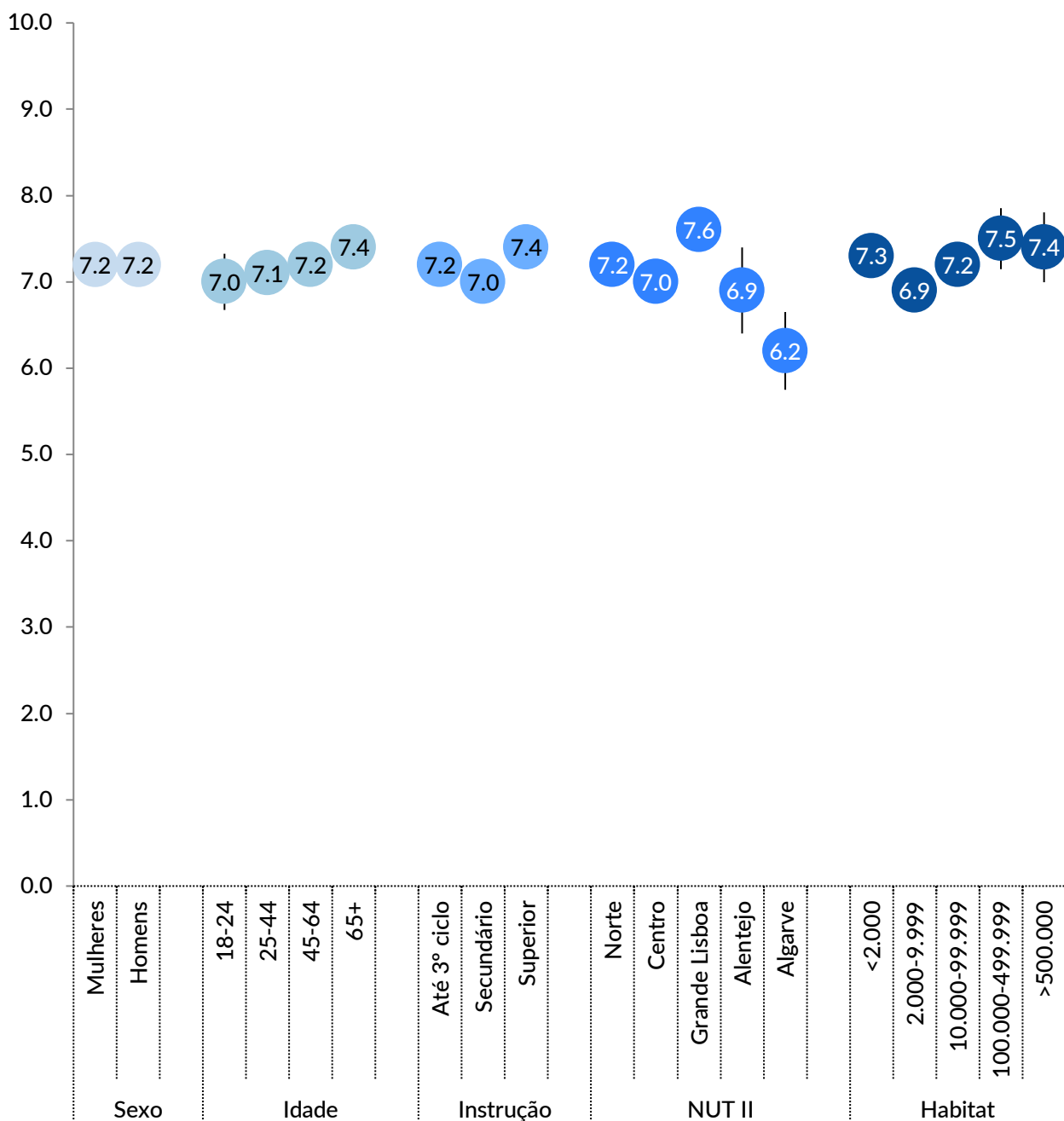


Recolha: 22 Jan 5 Fev 2020

Em média, a confiança que os inquiridos depositam nos hospitais privados é ligeiramente superior à depositada nos públicos (6,9 para 6,6). No entanto, este dado deve tomar em consideração que a percentagem de não respondentes no caso dos hospitais privados é particularmente alta (25%). O que, provavelmente, é explicável pelo facto de, como atesta a resposta à pergunta sobre os motivos que levam os inquiridos a optar pelos hospitais públicos, uma parte significativa dos portugueses não dar prioridade a hospitais privados em caso de urgência.

Confiança nos médicos em geral

Avaliação média por grupo

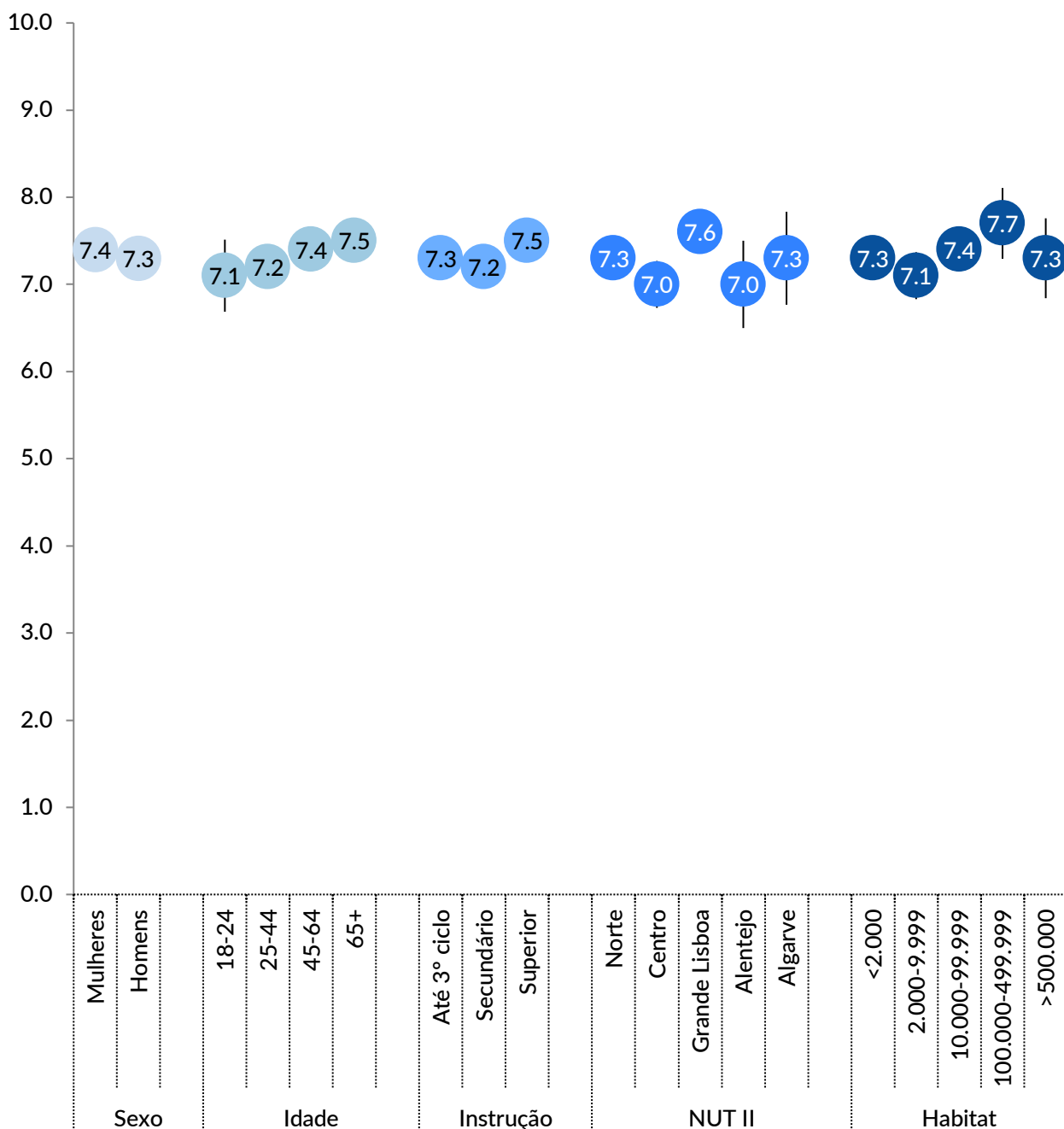


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

Os inquiridos avaliam positivamente os médicos (7,2) e o fenómeno que é identificável em relação às instituições do sistema nacional de saúde – os residentes no Algarve fazerem uma avaliação sistematicamente pior – também se verifica em relação aos agentes (6,2 pontos que comparam, por exemplo, com um máximo de 7,6 na Grande Lisboa).

Confiança nos enfermeiros em geral

Avaliação média por grupo



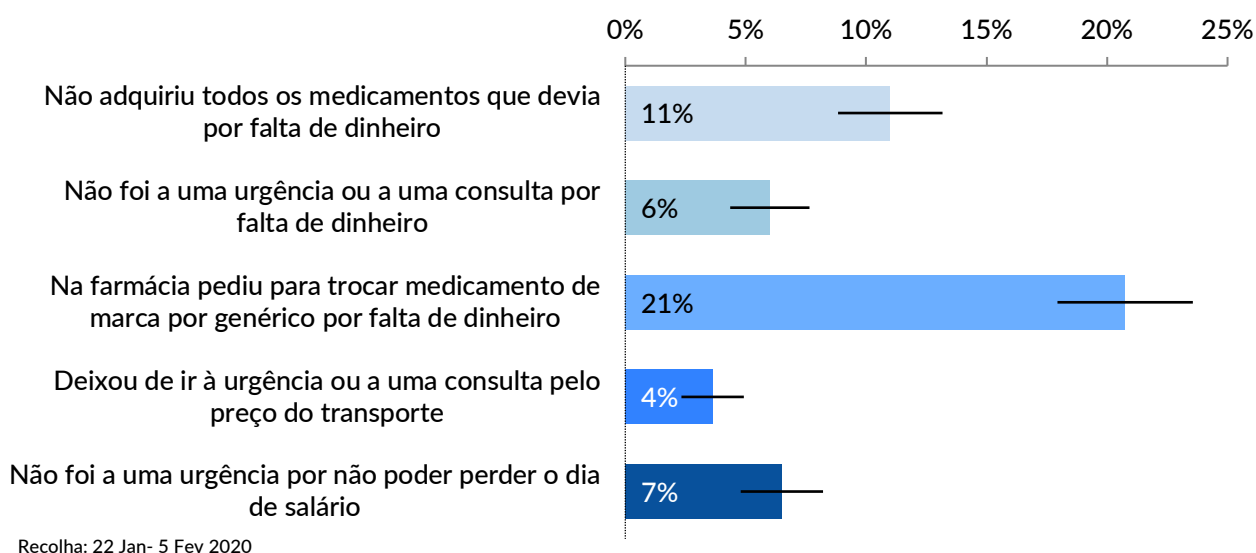
Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

Como acontece com os médicos, os inquiridos confiam nos enfermeiros (7,3). No entanto, ao contrário do que acontece em muitas outras questões, os residentes no Algarve não destoam do resto do país, havendo uma grande homogeneidade no território na avaliação da confiança nos enfermeiros.

6. Barreiras económicas no acesso à saúde

"Vou ler-lhe um conjunto de situações que algumas pessoas disseram que lhes aconteceram e gostava de saber se a si também aconteceram, no último ano"

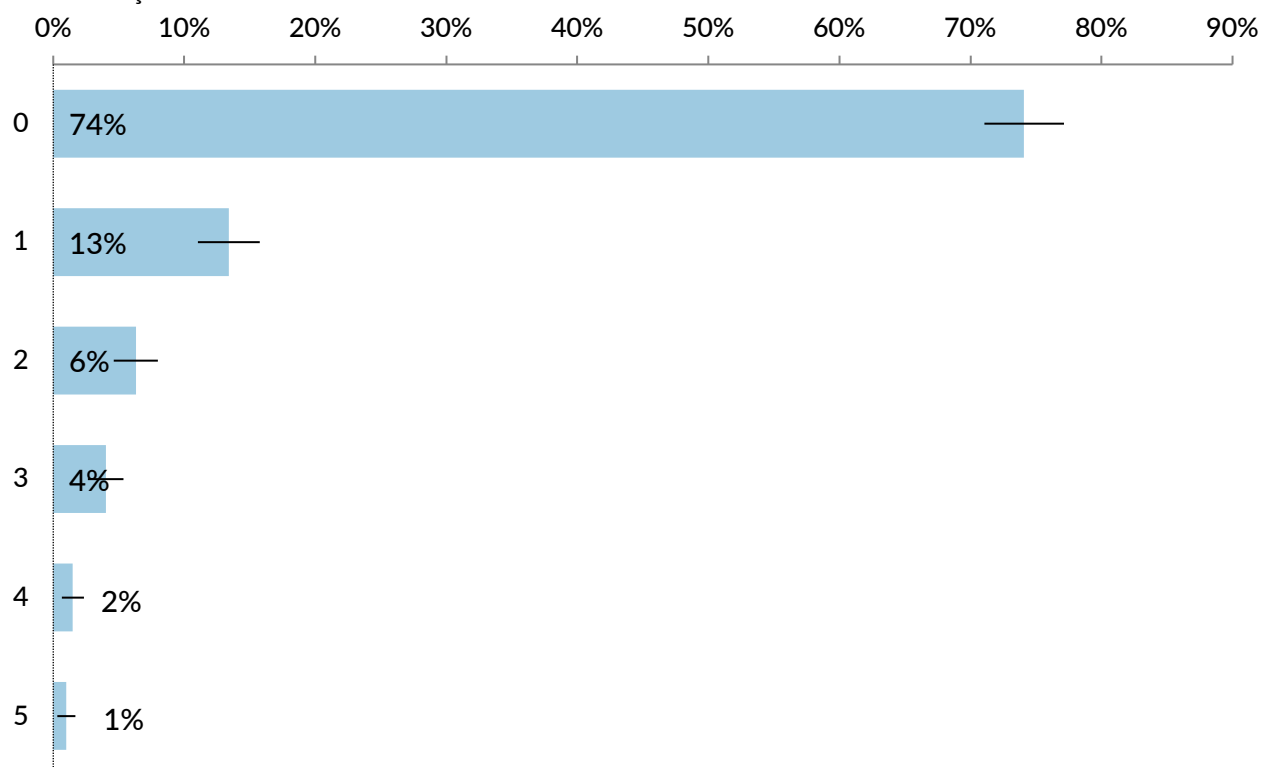
%s em relação ao total da amostra



Num país com muitas desigualdades, as barreiras económicas ao acesso à saúde tendem a ser significativas. Neste sentido, os inquiridos foram confrontados com um conjunto de situações que tendem a ser comuns e que, aliás, permitem a comparação de resultados com estudos anteriores, feitos em 2013, 2015 e 2019 sob a coordenação de Pedro Pita Barros (no âmbito do projeto do projecto PTDC/IIM-ECO/6170/2014, "Limites e oportunidades para o papel dos doentes no sistema de saúde"). Pese embora uma percentagem elevada dos respondentes ter declarado não enfrentar nenhuma barreira económica no acesso à saúde (74% da amostra), a situação que é referida mais frequentemente é "na farmácia, pedir para trocar um medicamento de marca por um genérico por falta de dinheiro" (21% dos que responderam). Nas vagas sucessivas de estudos coordenados por Pedro Pita Barros esta também foi a opção mais referida: (31% em 2013; 38% em 2015 e 27% em 2019). Destaca-se ainda com 11% a opção "não adquiriu todos os medicamentos que devia por falta de dinheiro" e, com 7%, "não foi a uma urgência por não poder perder o dia de salário". Esta hierarquia de problemas é, aliás, coerente com a que tem sido encontrada nas vagas sucessivas do estudo citado.

Número de respostas afirmativas a barreiras económicas no acesso a cuidados de saúde

% em relação ao total da amostra

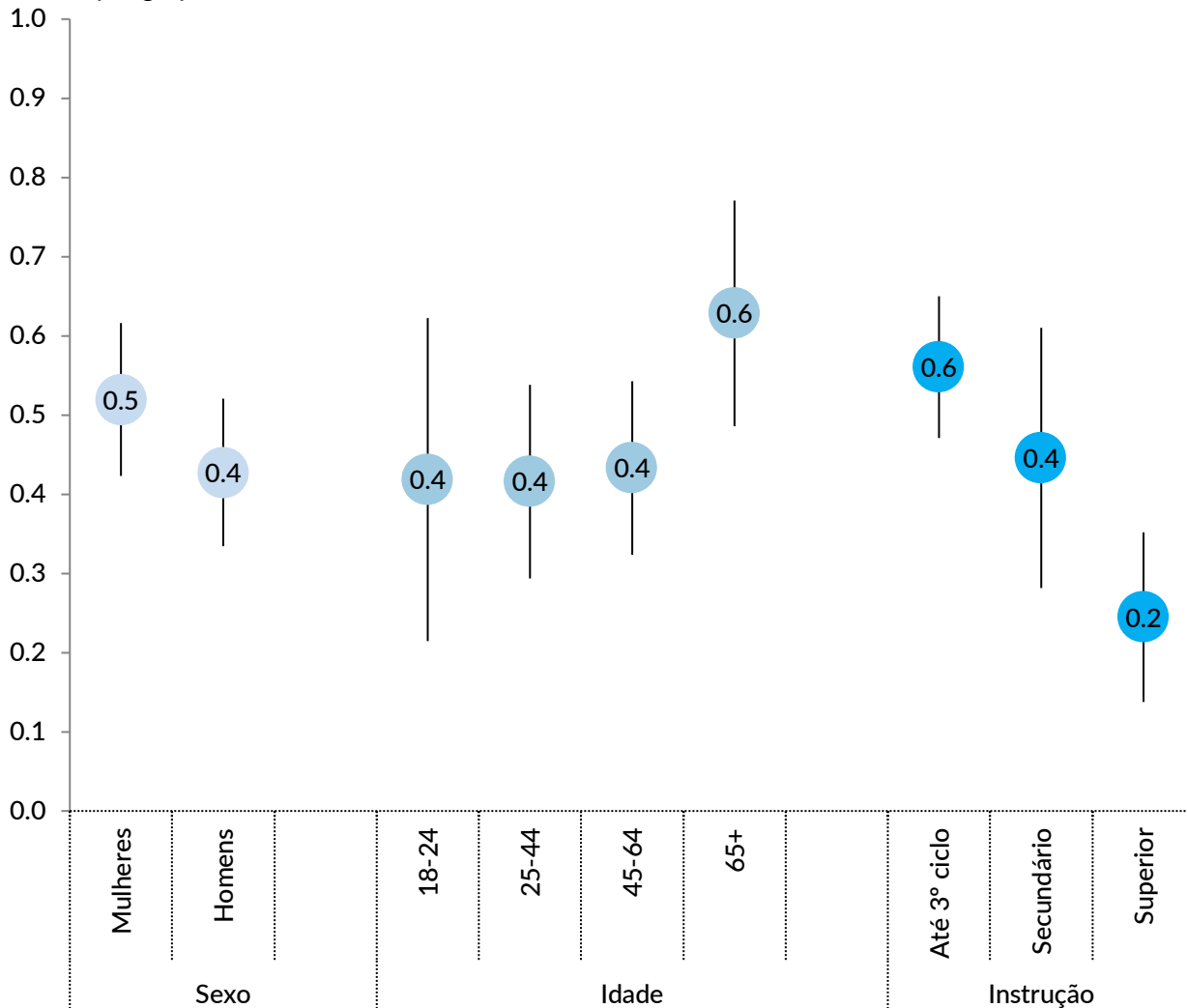


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

74% dos inquiridos dizem não ter enfrentado nenhum dos problemas referidos no último ano e 13% identificam apenas um problema entre a lista de situações. Estes dados são, novamente, em linha com os dos estudos coordenados anteriormente por Pedro Pita Barros (em 2013: 81% declaravam não ter enfrentado nenhuma das barreiras, valor que era de 77% em 2015).

Nº médio de barreiras económicas ao acesso aos cuidados de saúde

Média por grupo

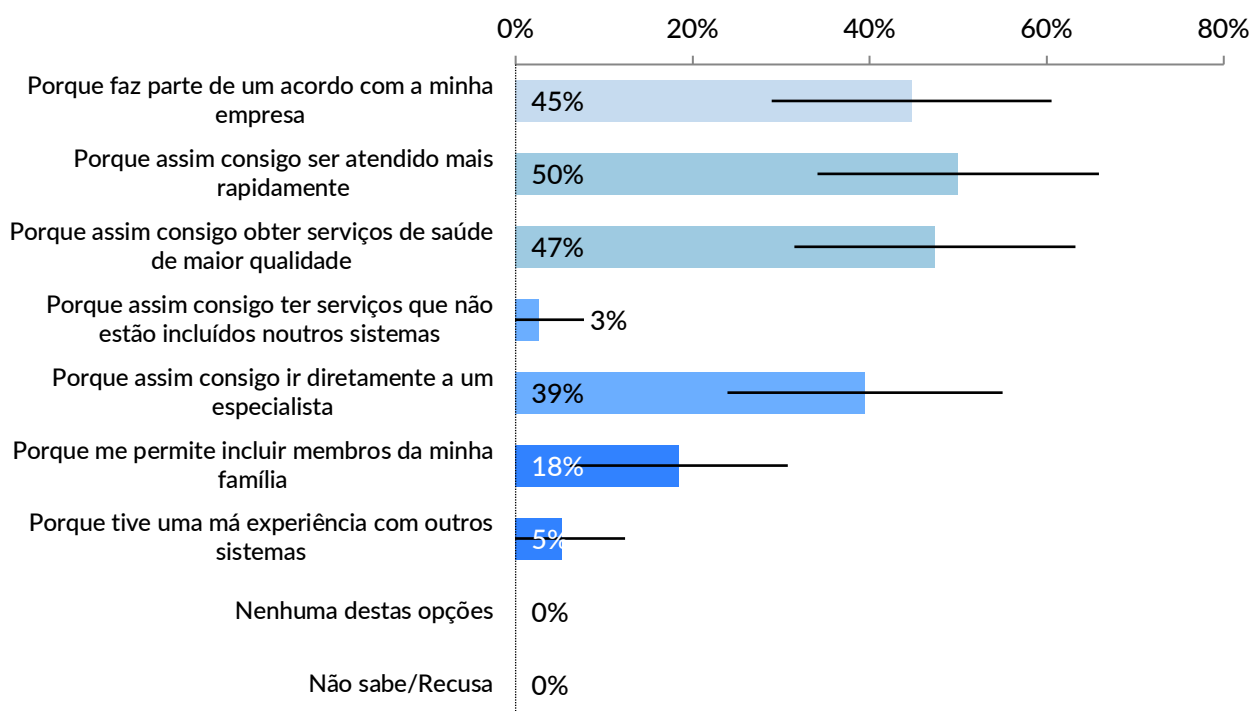


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

Este gráfico mostra, por um lado, que é entre a população com mais de 65 anos que há mais barreiras económicas no acesso à saúde e, por outro, que ter um diploma do ensino superior diminui significativamente o mesmo tipo de barreiras.

7. Razões para contratar seguros privados (entre os que a eles recorrem)

"Das seguintes razões, quais as mais importantes para ter contratado um seguro de saúde privado? Pode assinalar mais do que uma razão."
% em relação ao total dos que dizem recorrer preferencialmente ao seguro privado como sistema de saúde



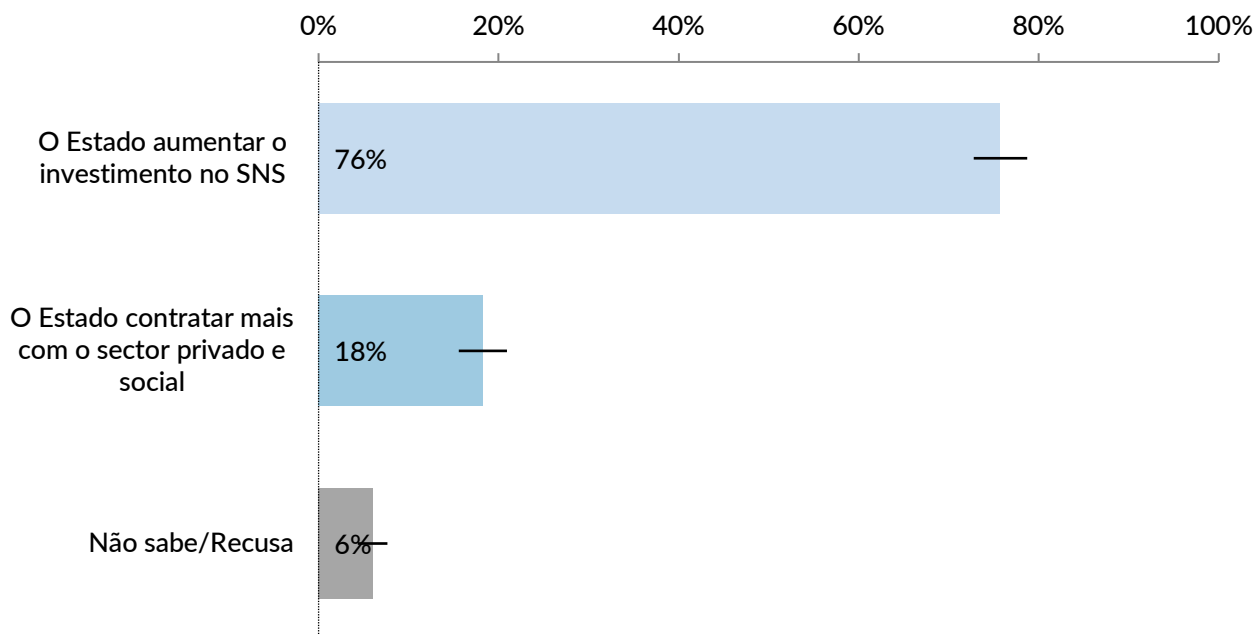
Recolha: 22 Jan- 5 Fev 2020 - soma das %s superior a 100% porque pergunta é de resposta múltipla

Entre os inquiridos que declaram que um seguro privado de saúde é o sistema a que recorrem prioritariamente, a justificação mais referida para o fazer é a rapidez com que conseguem ser atendidos (50%), logo seguida da possibilidade de ter serviços de maior qualidade (47%) e por fazer parte de um acordo com a empresa onde trabalham (45%). Um número significativo de respondentes escolhe também a opção “porque assim consigo ir diretamente a um especialista” (39%).

8. Grandes opções para lidar com listas de espera

"Das seguintes alternativas, qual acha que devia ser a primeira prioridade para resolver o problema das listas de espera no Serviço Nacional de Saúde?"

% em relação ao total da amostra

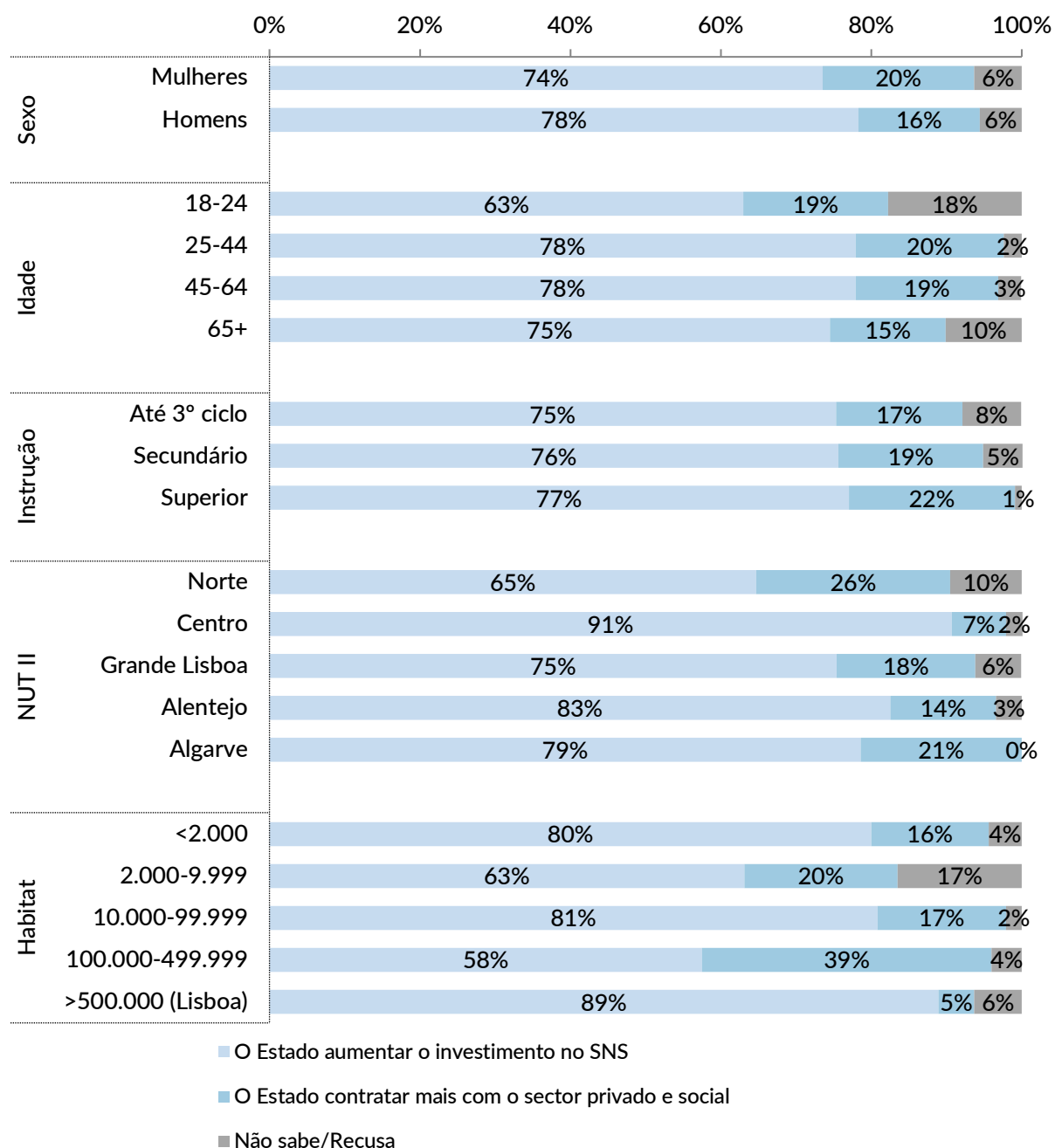


Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

De forma a resolver o problema das listas de espera no Serviço Nacional de Saúde, 76% dos inquiridos defendem que o Estado devia aumentar o investimento no SNS. Apenas 18% defendem que seria preferível contratualizar mais com o setor privado e social.

Das seguintes alternativas, qual acha que devia ser a primeira prioridade para resolver o problema das listas de espera no Serviço Nacional de Saúde?

% em relação ao total de inquiridos em cada grupo



Recolha: 22 Jan - 5 Fev 2020

A preferência pelo reforço do investimento público como forma de resolver o problema das listas de espera é transversal a todos as categorias. No entanto, de novo a variação é sensível às regiões e à dimensão do habitat: maior disponibilidade no norte (26%) e nas cidades com mais de cem mil habitantes (39%) para contratualizar com o privado e muito menor disponibilidade no centro (7%) e em Lisboa (5%).

